



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL



Comissão Episcopal para a Amazônia e Rede Eclesial Pan-Amazônia

Lábrea, 27 de Janeiro de 2017.

SEMINÁRIO LAUDATO SÍ PAN-AMAZÔNIA: FONTE DE VIDA NO CORAÇÃO DA IGREJA

No dia 17 de janeiro de 2017, às 18h, teve início o Seminário Laudato Sí, organizado pela Comissão Episcopal para a Amazônia e Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam), na Prelazia de Lábrea (AM), em Lábrea. Durante o credenciamento dos participantes, a equipe de canto animava. Às 21h o missionário Orly Côco, coordenador de Pastoral da Prelazia fez a abertura oficial do Seminário dando as boas-vindas aos presentes com um animado refrão, onde falou que é o momento de unirmos força para cuidarmos de nossa Casa Comum a Amazônia. Em seguida, foi composta a mesa com os seguintes convidados: Frei José Garcia Corcuero, Vigário Geral da Prelazia; Pastor Antônio Vasconcelos de Souza, representante das Igrejas evangélicas; o Prefeito de Lábrea, Gean Campos de Barros; a vereadora Greyce Souza Damasceno, representando a câmara dos vereadores; Antônio Barreros de Souza, do Conselho Tutelar; Francisco Alves, representando a Secretaria Estadual de Educação do Amazonas - SEDUC de Lábrea; e Izalene Tiene da Equipe Nacional da Rede Eclesial Pan-Amazônica. Com a mesa composta, deu-se a palavra aos membros. Frei José deu suas boas vindas a todos presentes em nome do Bispo Santiago que se encontra ausente por motivo de saúde. Agradeceu, em especial, às comunidades que vieram de longe, tais como: Canutama, Tapauá, Pauini e enfatizou que este encontro nos faz missionários como pede o Papa Francisco, missionários que doam toda a vida em defesa da vida de todas as pessoas e criaturas. Por fim, disse que a natureza que aqui desenvolve sua vida conta com a Igreja que está comprometida com essa missão: “Nossa Igreja está aqui para servir e ajudar”. Após, foi dada a palavra ao prefeito que agradeceu o convite e a presença de todos, falou da importância do debate sobre os problemas enfrentados na Amazônia e parabenizou a Igreja católica pela iniciativa do evento que possibilita a busca de soluções para os problemas que aqui se vive. Disse ainda que “Os verdadeiros guardiões da Amazônia muitas vezes são esquecidos, por isso, momentos como esses são importantes para recordarmos essas pessoas e nos unirmos a elas na busca de melhorias”. Em seguida, falou o Pastor Antônio que agradeceu o convite e parabenizou a equipe organizadora do evento. Destacou a importância de se fazer presente a eventos dessa qualidade. Depois dele, o representante da SEDUC, Francisco, parabenizou a todos presentes e em nome da coordenadora regional de educação agradeceu o convite para participar do evento. Ressaltou o projeto do governo do Estado que busca melhoria na vida das pessoas através do ensino, principalmente no meio rural. Colocou-se à disposição para contribuir com a discussão em vista de propostas para preservação do meio ambiente

e juntos buscar qualidade de vida para todos, principalmente, para os ribeirinhos. Em seguida, o representante do Conselho tutelar agradeceu o convite e disse que, enquanto povo de Deus temos um imensa missão e momentos como esses se fazem importantes para entrarmos em sintonia em busca de ações conjuntas: “Que ao término desse encontro possamos transmitir para as pessoas os clamores que ouvimos e as respostas que encontramos e assim a sociedade possa mudar seu modo de ser e de agir”. Logo depois, a vereadora Greyce agradeceu a oportunidade de representar a Câmara e se responsabilizou em repassar para seus colegas as decisões tomadas a fim de que possam cooperar na busca de soluções para os problemas enfrentados na Amazônia: “Em nome da câmara, coloco-me à disposição para somar”. Deu-se, então, a palavra aos indígenas, os “guardiões das florestas” presentes. O indígena Antônio Alberto, da etnia Apurinã, ressaltou que os povos indígenas estão ficando esquecidos pelo governo e que contam com a ajuda de todos para lutar pelos seus direitos. Por fim, Izalene Tiene agradeceu a presença de todos e falou que o seminário nasceu a pedido de Dom Jesus que idealizou o evento. Apresentou Osnilda Lima que, juntamente com ela, representam nesse seminário a equipe da REPAM. Com a ajuda de um folheto explicativo, mostrou o que é a REPAM e como é formada. Destacou que na defesa da Casa Comum é importante a participação de todas as Igrejas, movimentos e órgãos públicos e privados: “A luta é para que todos tenham o direito ao saneamento básico, que a floresta possa viver, que nossas águas sejam cuidadas”. Destacou que a REPAM não é uma instituição, mas “a proposta é que juntos, com a prefeitura, outras igrejas e com todos os poderes possamos tirar desse seminário uma proposta comum”. Ao término dessa fala, Orly agradeceu aos membros da mesa e a desfez. Dando continuidade, Izalene convidou a todos para assistir ao vídeo documentário que apresenta a fundação da REPAM. Terminando o vídeo, apresentou a Irmã Cristiane Rodrigues de Melo, das Irmãs Paulinas, que veio em nome da CNBB Regional para repassar o tema da Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2017. Após esse momento, teve início a apresentação da Encíclica Laudato Sí pelo professor José Detoni que, através de um diálogo compartilhado, fez uma breve introdução à encíclica, fortificando a importância de todos conhecerem o documento e assumi-lo como compromisso. Para encerrar a introdução, convidou todos a assistir um trecho do vídeo Laudato Sí onde se apresenta o documento em breves linhas: “Tudo está interligado como se fossemos um, não há duas crises, uma ambiental e outra social, mas apenas uma socio-ambiental”. Ao término do vídeo, o prof. José Detoni recordou que temos um único pai, nosso Pai comum, como comum é a nossa Casa. Em seguida, Aline Galvão abriu a palavra para os participantes se pronunciarem. Professor Frota tomou a palavra e contou sua aventura para chegar aqui em Lábrea, destacou a necessidade de termos consciência que habitamos uma Casa Comum. Por fim, Orly agradeceu a presença e convocou todos a serem perseverantes na participação do seminário. Recordou que o cuidado com a casa comum se faz a partir de pequenos gestos, como o cuidado em usarmos garrafa de água e evitar descartáveis. O dia foi concluído com uma dança circular animada pela Ir. Cristiane e um lanche partilhado.

Lábrea, 28 de Janeiro de 2017.

SEMINÁRIO LAUDATO SÍ

PAN-AMAZÔNIA: FONTE DE VIDA NO CORAÇÃO DA IGREJA

O segundo dia do Seminário Laudato Si teve início às 8h com um momento de espiritualidade animado pela comunidade de Canutama, organizado por Gernilson Amâncio que entoou o mantra “onde reina o amor”. A assembleia foi convidada a viver um momento de silêncio meditando sobre a presença neste seminário e a responsabilidade de cuidar da vida neste planeta. Terminou com a oração do Pai Nosso e o cântico “Amazônia, ventre bendito” onde todos se saudaram. Durante a animação, as comunidades presentes foram chamadas com o canto: “Alegria, alegria, alegria, é o povo de Deus a cantar”. Em seguida, Marcelo Viana deu início aos trabalhos recordando o objetivo deste dia que corresponde a VER a realidade. Teve início a primeira amostra apresentada por Oadson que abordou a questão indígena, organizada pelo CIMI/FOCIMP/FUNAI. Destacou a realidade indígena no Rio Purus-AM apresentando um pouco da história e trazendo informações da FOCIMP que começa em boca do acre e vai até beruri compondo seis municípios (Lábrea, Pauini, tapaua, Boca do Acre, Canutama e Peruri) e atende mais ou menos 16.000 indígenas de todos os povos das regiões como Apurinã, Paumari, Jarawara, Jamamadi, Deni, Kamadeni, Juma, Kanamati, Banawá, Karipuna, Miranha, Mamori, Suruwaha, Katukina, Kokama, Katawixi e Hi-Merimã (Cf. Anexo 1). Mostrou as forças existentes na luta indígena, como também os clamores e desafios, dando como exemplo a negação de atendimento de saúde a indígenas que se dirigem ao Hospital Regional de Lábrea (Cf. Anexo 1). Finalizou a apresentação dizendo que a maior riqueza de recursos naturais está na Amazônia: “A sociedade nos prepara para a competição, por isso os indígenas devem ter cuidado com o chamado progresso, pois o investidor vai olhar para a terra como meio de enriquecer e não de ter um crescimento sustentável”. O palestrante disse que o governo junto com a bancada evangélica vem fazendo CPIs contra as entidades de apoio aos indígenas, afim de enfraquecer a causa dos povos indígenas. Por fim, deu a palavra aos indígenas presentes: Manuel Ramos da Silva, Cacique Apurinã; Alfredo Batalha da Silva, liderança Apurinã; Antônio Alberto Lima dos Santos, conselho local Apurinã; Joel Moraes da Silva, professor indígena Paumari; Claudemir Nogueira da Silva, 2º secretário da FOCIMP; José Inácio da Silva, Apurinã, da aldeia Tucumã. O indígena Joel pediu a palavra e declarou que “o Seminário precisa fortalecer e unir os indígenas, o povo ribeirinho e os povos tradicionais. Isso é muito importante para nós. Fico preocupado porque saiu no diário oficial da união que o governo autoriza ao INCRA normatizar o assentamento de não indígena dentro de terras indígenas, isso faz que a gente perca as forças. Mas o povo indígena não vai parar e não vai deixar que invadam nosso território. O governo não vê progresso quando olha para o povo indígena, para ele, somos atraso para o país. Mas, para nós, indígenas, a terra é mãe e vivemos em harmonia com a natureza. Se o povo indígena junto com os outros povos não se unirem, não vamos ter a floresta na Amazônia, a gente sabe que o desmatamento avança e isso nos deixa muito preocupados. É garantindo os direitos dos povos indígenas e ribeirinhos que vamos proteger

a Amazônia. Vamos estar aqui os três dias tentando contribuir”. José Inácio da Silva, Apurinã, disse: “Sou cacique da minha comunidade e sirvo ao meu povo como agente indígena da saúde. Tive o privilégio de ser convidado pelo CIMI e pela REPAM para estar aqui. Não conhecia a REPAM, estou curioso para aprender alguma coisa e conseguir dias melhores para nosso povo indígena. Agradeço muito o trabalho do CIMI até aqui, agradeço primeiro a Deus e depois ao CIMI que foi por meio dele que fui preparado para trabalhar na saúde. A gente sofre uma série de coisas, de necessidades, moro na periferia da cidade, numa terra indígena que está degradada, caititu, passamos necessidade na alimentação, não temos mata, não temos peixes, uma terra que foi totalmente desmatada. Não temos ajuda para arar a terra, a água traz doenças. Moramos lado a lado com o lixão da cidade, de lá escoam para nossos igarapés toda sujeira que chega onde nós vivemos levando doenças para toda a comunidade. Só no final do ano passado recebemos água potável. Não temos energia, para isso temos que comprar gerador para termos um pouco de energia e iluminar nossas casas. Vivemos nessa situação. Temos feito várias reclamações através dos órgãos, mas nada muda. Temos levado essa luta pedindo ajuda, mas a própria FUNAI já não consegue ajudar. O governo não quer nada para o índio. Ele quer do índio, mas para o índio, nada. O governo está tirando todo o poder da FUNAI para ela não nos ajudar mais. A terra indígena não precisa ser demarcada, a demarcação é o índio morando na terra. A perseguição é grande por parte do pescador, do madeireiro. A gente sofre todas essas consequências, mas continuamos a lutar nos unindo. Estamos recebendo sementes de fora para gente plantar e conseguir uma alimentação um pouco melhor. Não temos atendimento médico. Dizem que o indígena aldeado é de responsabilidade do estado, mas quando chega o farmacêutico diz que tem que comprar o remédio. Com qual dinheiro? Todo indígena aldeado é sem renda”. Ao término da fala dos representantes indígenas, a Prof.^a Dr.^a Márcia Maria de Oliveira, da Universidade Federal de Rondônia, fechou a primeira amostra fazendo uma análise destacando os principais pontos que surgiram (Cf. Anexo 2). Ressaltou a importância de somar forças entre comunidades ribeirinhas e comunidades indígenas em defesa da Amazônia, nossa casa *nhandêreko-há*: “Quando o mundo inteiro corre para o capitalismo, tem um povinho que grita que o capitalismo está destruindo a Amazônia e o mundo. Que povinho é esse? Não é um povinho! É um povo com uma cara, com uma identidade, e que sabe para que veio. Nosso jeito de ser em nossa casa. É preciso fortalecer essa vivência que é a proposta da Laudato Sí. Somar forças com as organizações parceiras e o papel da Igreja dentro dessa luta”. Às 9h40 tivemos o intervalo e animação. Às 10h teve início a 2ª amostra sobre a Questão Ribeirinha e o Êxodo Rural apresentada pelo Pe. Henrique Giera representante da CPT e Pastoral Ribeirinha. Destacou que o rio é anterior à cidade. “Ele é antes durante e depois. Ele é a fonte de vida. Às suas margens surgem os povoados. Ele é ponto de união, caminho de integração, de sobrevivência” (Cf. Anexo 3). Apresentou um pouco da história do rio Purus, o qual, segundo o fundador de Lábrea e explorador do Rio Ituxi, Antônio P. Labre, teria 40.000 nativos, falando mais de 40 dialetos (Conf. Anexo 3). Aqueles que se opuseram a economia extrativista foram perseguidos e mortos. O pouco que restou ficou agregado ao barracão. Eis algumas nações: Caxarari, Canamari, Guaraio, Pama, Arara, Simaniri, Catuquina, Cipó, Jamamadi, Mamori, Culina, Deni, Ximarima, etc. Segundo Gunter Kroemer, nestes últimos 100

anos pesquisando sobre a população nativa, afirma que entre os rios Pauini e Paraná-Pixuna existem: Apurinãs: 1500 pessoas; Jamamadis: 300 pessoas; Deni: 150 pessoas; Zuruahã: 123 pessoas. Total 2.073, mais outros pequenos grupos (Conf. Anexo 3). A apresentação enfatizou que resgatar nossa história é importante para reconhecer e valorizar a luta do povo e fortalecer a identidade. Finalizou com um poema de Dom Florentino Zabalza Itury, antecessor de Dom Jesus, que fez uma homenagem ao Purus: “ELE É NOSSO!” (Conf. Anexo 3) e lembrou algumas pessoas que deram suas vidas e hoje são uma com o rio: frei Jesus Pardo, Irmã Cleusa, Santa do Mari, entre outros. Em seguida, Jeferson Andrade de Melo, morador do Purus do município de Lábrea, juntamente com Benedito da comunidade Jurucua e Santiago da comunidade Bananal, falaram da realidade atual dos ribeirinhos. Segundo eles, os ribeirinhos contam hoje com ajuda dos órgãos de proteção ambiental para o cuidando da casa comum visando um crescimento sustentável. Explanaram que tentam incentivar as pessoas da cidade e ribeirinhas a não poluírem os rios e a terra e destacaram a importância do ICMBIO na preservação das comunidades ribeirinhas, inibindo o tráfego das riquezas naturais (Cf. Anexo 3). Denunciaram a situação decadente da saúde e da educação: “tem posto de saúde, mas não se tem médicos nem material necessário. Não se tem escolas próximas, nem professores preparados, o que obriga a migração para se receber um pouco de educação escolar”. Santiago falou que hoje faz parte dessa missão porque já não dava para viver como estava: “Agradeço a Deus pelo CPT que nos ajuda na luta pela terra com dignidade. Hoje nós somos ameaçados dia a dia, mas a gente testemunha que Deus está ao nosso lado dando forças para a gente lutar frente às autoridades. Nem todo mundo entende a nossa luta, mas nem por isso desistimos da luta porque sabemos da importância do nosso trabalho. Estamos firmes para lutar pelo bem de todos”. Marcos, da comunidade de Tapauá, apresentou um pouco da realidade dos ribeirinhos, suas forças, clamores e iniciativa. De acordo com ele, faltam políticas públicas que garantam, no mínimo, o saneamento básico; o lixo é a céu aberto, e poluem tudo, inclusive, os igarapés (Cf. Anexo 6). Luiz Xavier apresentou a realidade dos ribeirinhos no município de Canutama, denunciando um projeto diabólico em jogar ribeirinhos contra indígenas (conf. Anexo 5). Para finalizar as amostragem Pauini com seu representante Antônio Jose da Silva, biólogo envolvido com as causas sociais denunciou que Pauini é pouco protegida, pois quase toda reserva extrativista é descoberta pelas RESEX e o município vem sofrendo a falta de lideranças que estão esquecidas pelo poder público. Há muita corrupção, a educação está na UTI, falta material de toda espécie, não existe uma forma curricular de chamada de professores, e a saúde está uma calamidade. Todos os recursos naturais de Pauini estão sendo roubados sem nenhum tipo de repressão por parte do poder público. Novamente, a Dr.^a Márcia fez uma breve análise da realidade da segunda amostra. Começou chamando atenção sobre a ausência de vozes femininas e analisou os principais pontos, tais como o êxodo rural, consequência histórica das tensões produzidas na região; os diversos processos de despovoamento e repovoamento na região marcado pelas tensões sociais, culturais, econômicas e políticas intermediadas pelos ciclos econômicos impostos à região do Purus que se reproduzem na atualidade com a chegada do agronegócio, entre outros (Cf. Anexo 4). Destacou ainda que não se vive um processo de êxodo rural, já que êxodo traz a ideia da busca da terra sem males.

Porém, o que está acontecendo é um espatifamento da população indígena e ribeirinha, obrigada a sair de suas terras para ir a uma não terra. Por fim, destacou a necessidade dos pequenos não lutarem entre si, mas unirem-se em busca do mesmo ideal. Ao meio dia fez-se uma pausa para o almoço. Às 14h abriu-se o seminário com animação. Lilian Lima da Silva, da comunidade São João Batista, Canutama, compôs uma música a partir das apresentações intitulada “O apelo da natureza” (conf. Anexo 8) e cantou juntamente com todos. O prof. José Detoni apresentou seus livros e, em seguida, deu-se início aos trabalhos da tarde com a terceira amostra sobre a Questão do Meio Ambiente Rural, apresentado por Marcelo Horta, sociólogo; Joedson Quintino, biólogo e gestor do ICMBIO da RESEX, Pastor Antônio Vasconcelos de Souza e José Maria Carneiro de Oliveira, representantes do ICMBIO/ATAMP/APADRIT. Abordaram questões como a concepção de fronteira na Geografia Política e o jogo de forças de atores sociais nas diversas escalas, regional, nacional e global (Cf. Anexo 9). José Maria declarou que a Associação dos trabalhadores agroextrativistas do Médio Purus (ATAMP), juntamente com a ICMBIO e o Instituto Desenvolver se preocupa com a organização social do meio ambiente, das nascentes e estão aqui para mostrar um pouco desse trabalho, tais como o serviço de assistência técnica e extensão rural na Resex Médio Purus; georreferenciamento de lagos; oficinas sobre manejo de lago; soltura de quelônios, e o trabalho de reaproveitamento de madeira morta, resultante de inundações e efeitos naturais, entre outros (Cf. Anexo 9). No final de sua fala, o presidente da ATAMP fez um questionamento: a CPT apoia os Ribeirinhos e o CIMI os indígenas e aí eu me pergunto quem está gerando o conflito? São as instituições ou os povos? Isso precisa ser melhor olhado e trabalhado. Logo após, Joedson, gestor do ICMBIO, apresentou mapas (Cf. Anexo 9) que demonstram os lugares de maior conflito e pressão no trabalho de conservação, e questionou o fato do ICMBIO não ter sido convidado para compor a mesa, já que sua importância é ímpar na defesa da Amazônia. Depois, José Maria de Oliveira apresentou as forças existentes que apoiam a luta desses órgãos que lutam pela proteção dos direitos dos povos e enfatizou a necessidade de se discutir juntos o que podemos fazer para fazer valer os direitos e deveres indígenas e extrativistas. Recordou que não se aprende em faculdade o conhecimento tradicional dos povos, que os mesmos podem se transformar em forças para a proteção da Amazônia: “estamos em uma frente dentro do governo que trabalhamos em prol da preservação, mas existem muitas mais forças dentro do governo que trabalham em favor do agronegócio. O que está acontecendo aqui neste seminário, servira de exemplo para que aconteça em outros lugares e momentos” (Cf. Anexo 9). Francisco Queiroz, Pauini, declarou que vê no evento da REPAM um meio de se trazer à tona os problemas que afetam a todos na Amazônia. Falou que a preocupação dos moradores do Rio Pauini é a luta por ter seus direitos básicos garantidos: “Nos preocupamos porque se aquela área virar terra indígena, onde vamos morar e o que vamos comer? Esperamos que aqui possamos discutir esses problemas para encontrar soluções para ambos os povos”. Às 15h30 deu-se início à quarta amostra com a Polícia Militar sobre Drogas, Violência e Prostituição. O Tenente Laurindo, da 4º CIPM/LÁBREA, convidou todos a assistir um vídeo que apresenta a realidade da polícia militar. A 4º CIPM/LÁBREA trabalha com serviços de inteligência para a coibição do tráfico de drogas, que é bastante grande nos municípios de Lábrea, Canutama e

Tapauá, causando violência e prostituição. O mesmo explicou que trabalham em conjunto com as organizações de proteção dos recursos naturais, realizando apreensões, como, madeira, quelônios, animais silvestres, dentre outras. A prisão de Lábrea se encontra superlotada, onde os chefes que comandam o tráfico de Lábrea até ligam para as famílias dos outros presos pedindo dinheiro ameaçando que vão matar os outros presos e escravizam os mesmos. Concluindo em sua fala o Tenente Laurindo apenas afirmou que o Estado conhece os problemas enfrentados, mas nada faz (Cf. Anexo 10). Após a fala da PM, foi feito um breve intervalo. Retornando, a Dr.^a Márcia Maria apresentou a análise da terceira e quarta amostras e uma síntese final da realidade que foi vista neste dia (Cf. Anexo 11). Ressaltou a grande quantidade de informações recebidas e que necessitam de futuras reflexões. Na colocação das diversas instituições trabalhando na região o resultado quase sempre é positivo, mas o ponto importante é como estabelecer comunicação entre essas instituições, de forma que possam juntas entender o conflito, trabalhar com os povos atingidos e não perder o foco. Como estabelecer a troca de experiência? Como socializar essa experiência? Neste ponto, segundo ela, a Carta Laudato Si nos desafia sobre como estamos pensando na perspectiva da educação a valorização dos saberes locais, dos conhecimentos dos povos desta região? É importante pensar a saúde indígena e ribeirinha só pensando na saúde da cidade? Não valeria a pena resgatar os saberes de área da saúde desses povos? E talvez pensar como podemos nos posicionar frente ao capitalismo que produz uma cidade doente? A maioria dos remédios de laboratório saem da floresta, como fortalecer esses saberes que dão autonomia aos povos locais? Por fim, lembrou que é preciso atenção com o Estado, pois ele toma o partido dos poderosos quando é omissivo em questões de direito dos povos. Daí o desafio de unir forças na defesa das lutas comuns, sem cair nas artimanhas dos Estado de pôr pequeno contra pequeno. Em seguida, cantou-se junto a música “Tudo está interligado”. Após esse momento, foi feita a divisão em seis grupos para discutir a seguinte pergunta: Iluminados(as) por todas as reflexões apresentadas neste Seminário, qual a ação que nos desafia e compromete com a luta em defesa da vida em nossa realidade? Cada grupo teria 40’ para discutir e preparar a comunicação para a assembleia. Às 18h15 teve início a apresentação dos grupos que trouxeram as seguintes propostas: O **GRUPO 1:** Articular junto aos municípios e o estado do Amazonas a implantação de cursos universitários (pedagogia) para atender a demanda de professores habilitados para o exercício do magistério juntos aos povos da floresta. **GRUPO 2:** Que cada município crie um mini REPAM onde envolve atores locais de municípios e regiões. **GRUPO 3:** Ação de conscientização: trabalhar na formação de conscientização para todas as pessoas (povos tradicionais e indígenas). Mostrar a todos que só se conquista o que se busca com união e luta. **GRUPO 4:** 1. Diálogo entre indígenas e extrativistas, criando espaço adequado para que esse diálogo aconteça; 2. Educação diferenciada, respeitando a cultura de cada povo; 3. Garantir que o Governo brasileiro cumpra o seu papel conforme previsto na lei. **GRUPO 5:** Preservar nossas florestas e nossos rios e falar a mesma língua. **GRUPO 6:** 1. Criar projetos sociais de educação ambiental (artesanato, reciclagem, etc.). 2. Utilização de produtos não madeireiros. Após as apresentações, a Dr.^a Márcia fez as considerações finais sobre os trabalhos apresentados. Explicou que os resultados serão levados em conta na carta compromisso que será elaborada no

final do Seminário. Algumas são quase que automáticas para a comunidade se organizar, mas outras precisam diálogo com outras instituições para que saia do papel e se realizem, como, por exemplo, os cursos que o IPHAM promove. É importante essa iniciativa de assumir e provocar o Estado. Por isso, é necessário um segundo momento onde é preciso pensar como se realizará tudo o que foi levantado. A ideia da mini REPAM é boa, pois a dinâmica é exatamente essa, de articular as pessoas localmente. A perspectiva é sempre de estabelecer redes, por isso, vale à pena levar à frente essa ideia, perguntando-se como tecer essa rede de articulação e comunicação. Ir. Osnilda Lima esclareceu que amanhã será formada os comitês onde é importante ter representantes de todos os movimentos e organizações. Por fim, Izalene motivou a todos para vir amanhã e aprofundar a Laudato Si. Aline informou os horários para o dia de amanhã e Orly concluiu o dia recordando que precisamos nos motivar com a certeza de que nossa união faz a diferença. Terminando, todos foram convidados a partilhar uma sopa deliciosa.

Lábrea, 29 de Janeiro de 2017.

SEMINÁRIO LAUDATO SÍ PAN-AMAZÔNIA: FONTE DE VIDA NO CORAÇÃO DA IGREJA

O seminário teve início às 8h com o momento de espiritualidade preparada pela comunidade de Tapauá, que convidou todos a contemplar a natureza e proclamar um salmo de louvor pela criação. Logo após, o professor José Detoni retomou a apresentação da Encíclica Laudato Si. Em sua fala, recordou que nós, seres humanos estamos destruindo a terra devagarinho, com o excesso do lixo, com emissão de gás tóxicos. Sabe-se que quem mais destrói são os países ricos, mas quem mais sofre são os pobres, e que neste ritmo se está caminhando para a destruição do planeta. A humanidade precisa tomar consciência e buscar uma educação ecológica. Consciência, liberdade e responsabilidade são as três palavras chaves para esta educação. Depois, o palestrante convidou todos a assistir o sexto capítulo da Encíclica, onde fala da Educação e Espiritualidade Ecológicas. O vídeo apontar para outro estilo de vida, educando para a aliança entre a humanidade e o ambiente, a conversão ecológica, alegria e paz, amor civil e político, os sinais sacramentais e o descanso celebrativo. Para fechar a palestra o professor José Detoni lembrou que Deus é pai de toda a humanidade (Pai Nosso), portanto, devemos ser solidários, pois a casa é comum. Ao término da palestra, houve um sorteio de livros e blusas e, em seguida, o lanche. Na volta do lanche aconteceu a leitura da Carta Compromisso aberta a observações, correções e sugestões. Izalene Tiene da equipe da REPAM entrou com uma palestra falando um pouco da geografia da Amazônia, sua população e articulação. E questionou os participantes perguntando como podemos fazer o Estado defender a preservação? O caminho é fortalecer a rede, quanto mais unida, mais forte. Logo após essa fala teve o momento da formação do comitê Repam/Prelazia. Os grupos se juntaram para refletir e indicar seus representantes. Ao final, o comitê ficou formado da seguinte forma: **Representante de Lábrea:** Francisco da Silva Alves (cidade-educação), Greice Souza

Damasceno (cidade), Antônio Alberto Lima dos Santos (povos indígenas – FOCIMP), Maria do Socorro Pinheiro de carvalho (associação das mulheres indígenas); **Canutama:** Lílian Lima Silva (Povos indígenas), Antônio Xavier Martins (cidade); Luis Xavier Martins (ribeirinhos). **Pauini:** Francisco Pinto de Queiroz (cidade), Antônio José Lima da Silva (ribeirinhos). **Tapauá:** Marcos da Silva Souza (ribeirinhos), Roneide Costa da Silva (povos indígenas), Elines Ferreira Alves (cidade). **Comissão Pastoral da Terra:** Francisco de Oliveira dos Santos. **ICMbio:** José Maria Ferreira de Oliveira. **CPT:** Francisco de Oliveira dos Santos. **CIMI:** Hoadson Leonardo Silva. **Coordenação de Pastoral:** Orly Côco. Por fim, foi dada várias sugestões para a realização do próximo encontro da REPAM em Imperatriz no Maranhão: 1. Todos os seguimentos sejam contemplados desde a abertura do evento até os seminários; 2. Melhorar a comunicação das informações, como o cronograma; 3. Definir, esclarecer, direcionar as linhas e reunir-se antes com as equipes responsáveis do momento de espiritualidade; 4. Incluir as outras igrejas nos momentos de espiritualidade; 5. Representar melhor o povo ribeirinho e extrativista; 6. Usar elementos próprios da Amazônia na preparação do ambiente; 7. Continuar envolvendo os participantes desde a organização; 8. Amostras de formas de lidar com materiais recicláveis; 9. Mais participação dos atores locais, equilibrando a participação dos indígenas e ribeirinhos; 10. Que os representantes da REPAM possam chegar antes para conhecer o ambiente, suas dificuldades, desafios e riquezas; 11. Reivindicar junto à Câmara dos Vereadores sobre questões urgentes que surgiram durante o Seminário. Por fim, foi lida a Carta Compromisso já com todas as correções feitas. Foram feitos todos os agradecimentos às equipes de apoio e organização e o Seminário finalizou às 12h com um canto e oração de envio.